

ISSN 2675-7281
Volume 03 - Nº 15, Junho/2022

[عقلم] CORPOS

revista pós-pornográfica de fotografia





Esta revista leva o selo DUOCU,
formado pelos artistas
Bruno Novadvorski &
Chris, The Red
www.duocu.art.br



editorial

E chegamos à terceira e última parte da trilogia de ensaios realizados no Espaço Esponja, em São Paulo. Foram dois dias de muitas trocas e surubas artísticas. 48 horas de muitos afetos e gozos. Com fotos novamente assinadas pelo DUOCU, além de registros feitos pela Gustrava, esta edição transita entre várias possibilidades do exercício de nossa sexualidade, do nosso desejo. Quero agradecer imensamente a participação de todas as pessoas e seres híbridos que tornaram estas três edições possíveis. Em especial,

Direitos e Comprometimento:

As imagens constantes na [pós]CORPOS© são de autoria do seu criador - Chris, The Red - e por outros artistas que, gentilmente, as cederam para serem publicadas com as devidas permissões de direitos autorais.

A [pós]CORPOS© está comprometida com artistas e todos os direitos autorais estão reservados. Nenhuma parte desta revista pode ser reproduzida de forma mecânica ou digital sem autorização prévia por escrito do editor-chefe da [pós]CORPOS ou do artista.

Outras imagens - que possam ser utilizadas - são livres de direitos autorais. No entanto, se houver uso injusto e/ou direitos autorais violados, entre em contato.

São Paulo - SP

[pós]Corpos© é uma publicação bimestral idealizada e criada pelo designer gráfico, artista visual e fotógrafo Chris, The Red, co-fundador do DUOCU em parceria com o artista visual Bruno Novadvorski.

[\[www.thered.com.br\]](http://www.thered.com.br)

Volume 03, Nº 15, Junho/2022 (ISSN 2675-7281)

Edição e Redação Chris, The Red **Capa** DUOCU (fotografia, 2022) **Ensaio Fotográfico** DUOCU/ Gustrava (2022), Alex Amaral/Anderson Alves (2017) **Logotipo** The Red Studio by Chris, The Red **Projeto Gráfico e Direção de Arte** The Red Studio by Chris, The Red

ao Rainnery e ao Gustavo que convidaram a mim e ao Bruno Novadvorski para dividir estes momentos e construirmos juntas todas estas putarias fotográficas. E na coluna Corpas Falantes desta edição, convidei o professor Reginaldo Moreira da Universidade Estadual de Londrina que nos acaricia com seu texto Os lugares de dança dos corpos diz-sonantes. Para acompanhar, um ensaio fotográfico, com fotos do Alex Amaral e Anderson Alves, realizado em Brasília, em 2017, pouco antes de eu me mudar para São Paulo. A [pós]CORPOS é assim, uma suruba boa de pessoas que acreditam na liberdade de nossas existências e resistências.

Chris, The Red

bixa designer gráfico artista visual fotógrafo editor-chefe



Nota do editor

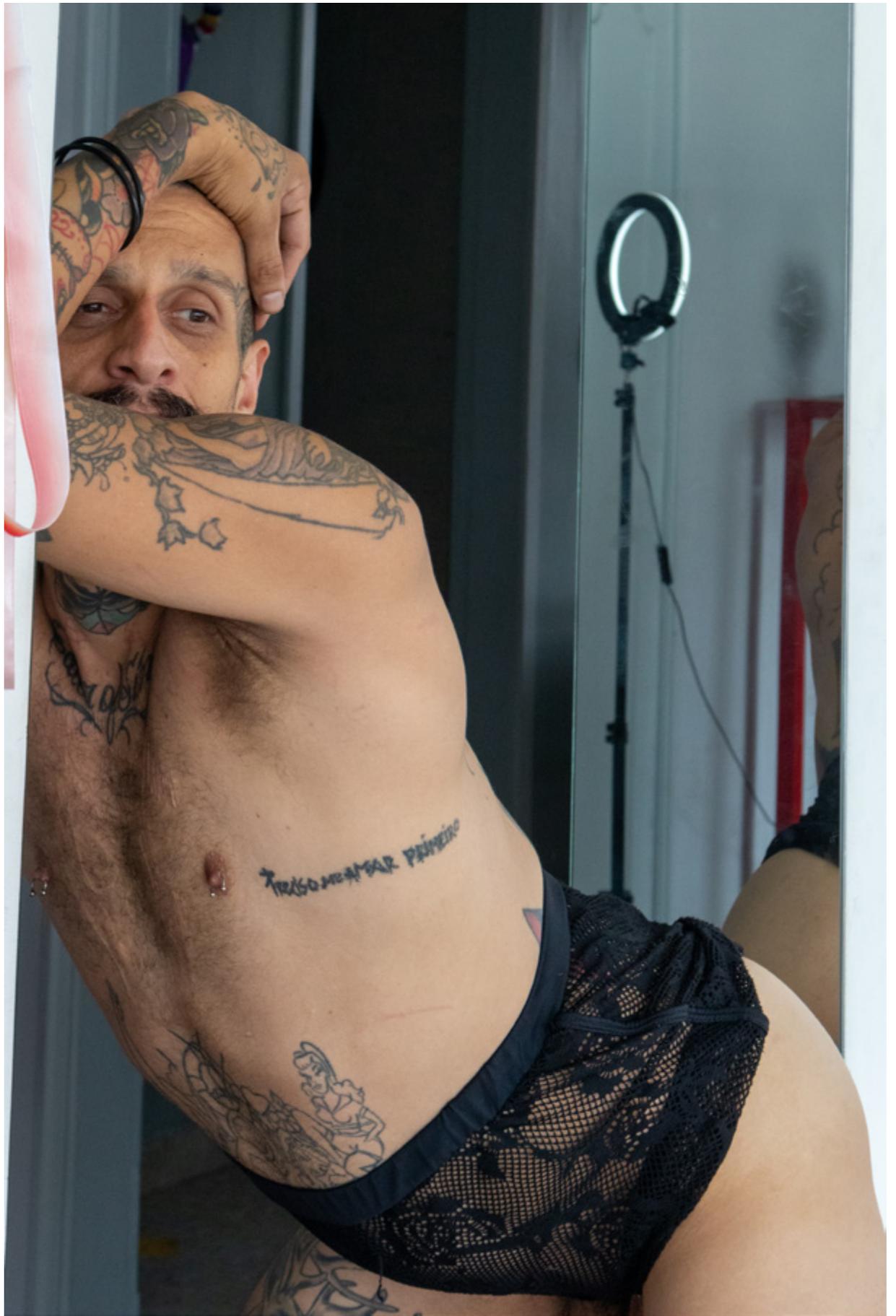
Esta é uma publicação de arte e fotografia que contém cenas de nudez, sexo explícito e genitais. Consulte com cuidado caso sinta-se ofendido. Todas as imagens presentes nesta publicação são de autoria do editor/criador Chris, The Red. Assim, nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida de forma mecânica ou digital sem prévia autorização.

Se tiver interesse de participar como modelo nos ensaios fotográficos das próximas edições, entre em contato: conexao@duocu.art.br



Acesso Restrito



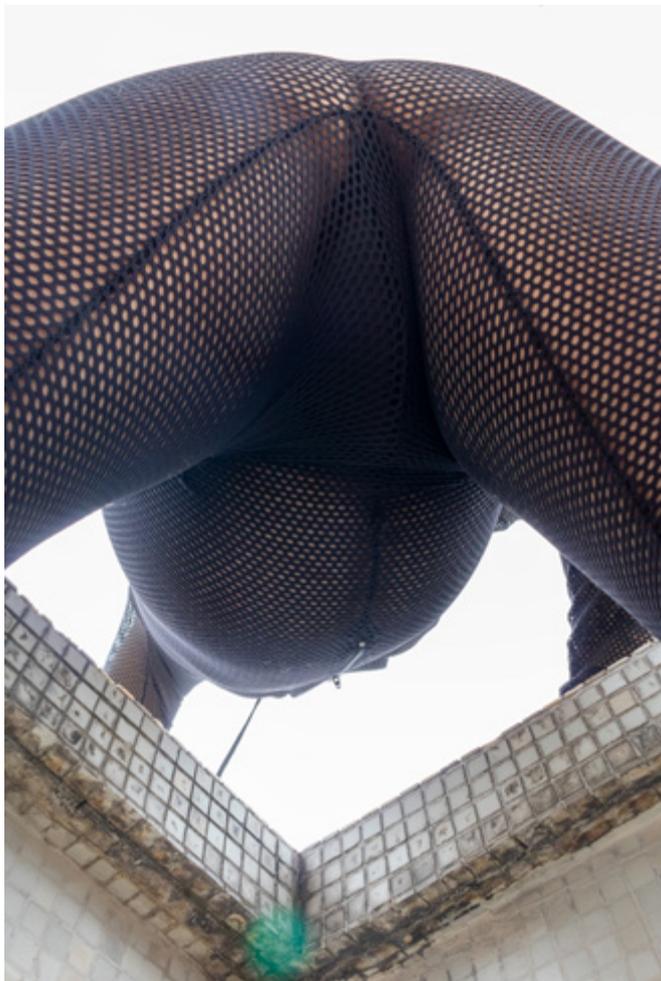


















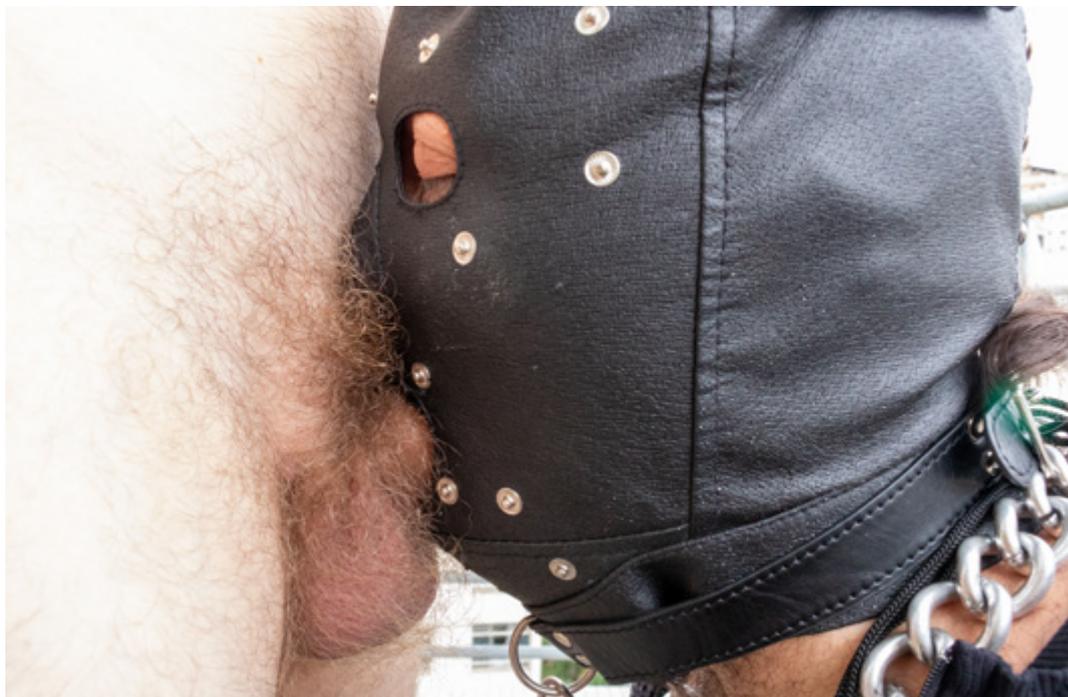




























cu

É

O

DE



cu

E

O

DE NO MEVA TOP

100-100

cu

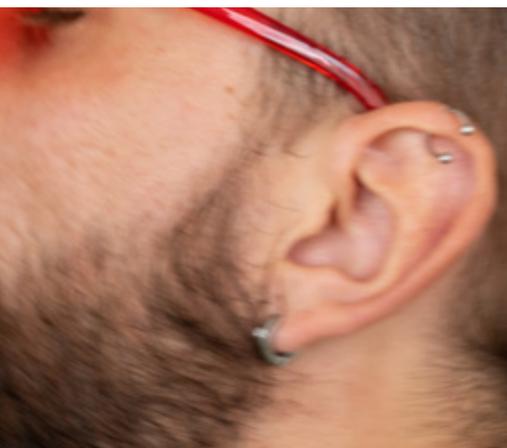
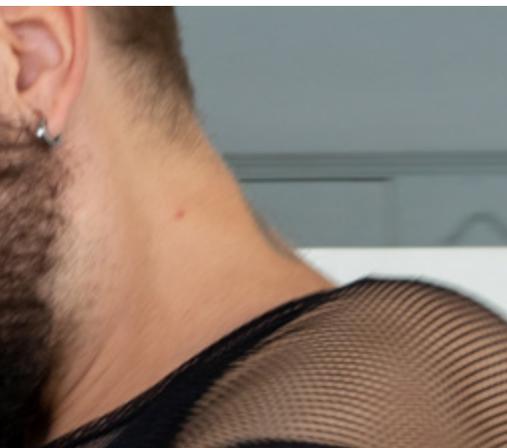


DE NO MINADOR

CO MUM





















































cu

É

O

DE NO





cu

E

O

DE NO MI NA POR

LO MIA























Direção Criativa: Rainnery Queercore, Gustavo Gustrava, Bruno Novadvorski & Chris, The Red

Produção: Rainnery Queercore & Gustavo Gustrava

Fotografia: Chris, The Red, Bruno Novadvorski & Gustavo Gustrava

[pós]Corpos: Bruno Novadvorski, Bruno, Gustrava, Lucas, Rainer, Rainnery, S., Saulo & Chris, The Red

São Paulo, SP, Brasil, 2022

Local: Espaço Esponja

 @etraeuconoded

 @rainnery_queercore

 @gustrav4

 @duocu

CORPAS FALANTES

Os lugares de dança dos corpos diz-sonantes.

Reginaldo Moreira



Nas composições dos possíveis, que nos tocam no bailar da vida, nossos corpos considerados dissidentes LGBTIA+ e Queers estão no mesmo salão mundo com os corpos ditos deficientes, dos ditos loucos, dos negros, das mulheres, dos pobres, dos gordos, das mulheres, das crianças, dos idosos, dos indígenas e outros mais... nas classificações que tentam imprimir verticalmente e impiedosamente sobre nossos corpos e discipliná-los.

Pensando um conceito de corpos diz-sonantes, ao invés de dissidentes. Pensando nos acordes de um arranjo que nos acorde. Numa composição musical em que acordes sonantes necessitam dos dissonantes, já que a beleza da composição se faz com eles. Na estética musical, composições que conseguem combinar acordes consonantes e dissonantes, soam muito mais belos. O som sai das cordas quando elas se esticam. Só aí é possível delas se extrair os acordes. Até mesmo a equilibrista, só consegue andar na corda bamba, quando ela está esticada, como as cordas que seguram a lona do circo...

O que pode um corpo? O que pode um corpo diz-sonante? O que podem corpos diz-sonantes? Compor somente com outros corpos diz-sonantes? Não formariam acordes necessários para uma composição estética de outros mundos possíveis. A estética do possível necessita de todos os corpos, sonantes, diz-sonantes... silêncios, contextos, territorialidades, desterritorialidades... É preciso considerar que o corpo diz-sonante, ora tbem é consonante, ora não. É consonante no desejo, é consonante na produção de vida, nas imanências existenciais, porvires, sentimentos...

E de novo à teoria corpos/música, a composição só ganha sentido quando toca... Quando toca no sentido de execução sonoro. Quando toca no sentido das afetações. Quando toca, no sentido do toque tátil. Quando toca, no sentido abrigo. Corpos diz-sonantes são corpos tocáveis. E se toca, danço. E se dançamos, os corpos se tocam. É necessário instaurar em nós novos modos de existência, num movimento arte, por isso corpos música, por isso danças para além das coreográficas. Não aquelas danças disciplinares feito o balé ou outras mais, mas aquele movimento corpo que vem do seu essencial, que seja bio-dança, os modos de se mover, de se co-mover, o movimentar dos corpos, a partir da musicalidade e movimento genuíno de cada um, cada uma. De cada corpo, de cada corpa.

O som e movimento genuíno de cada corpo/corpa, são diz-sonantes ao que se considera belo, ao que se considera música, ao que se considera dança... Não estou falando de corp@s sonantes dançantes a partir de amarras normativas pré-estabelecidas por uma arte cuja corda, ao invés de soar, amarra. Estou falando de cordas que soam, dos couros estirados, que produzem a batucada.

Essa consonância genuína e singular de cada corp@, que aos olhos normativos, disciplinadores, reguladores, classificatórios, talvez os enquadre como diz-sonantes, com menor valor, des-concertados, des-afinados, des-medidos, fora da ordem estabelecida, dos enquadramentos e expectativas. E por isso es-tigmatizados, quando deveríamos ser somente matizados, sem nos darmos conta que o estigma é um sinal natural da corpa. Qual corpa que não possui cicatriz? (só da bailarina do Chico). Mas nós, dançadores da vida, começamos pelo umbigo e vamos produzindo outras marcas, outros estigmas. Portanto o normal é ter estigmas, marcas, diz-sonâncias, não o contrário. A normalidade imposta como padrão é branca, elitista, eurocêntrica, colonizadora, destituidora de existências, de direitos, de possibilidades. A norma é hetero-cisgênera, é calcado no domínio e controle dos corpos, para o fim de perpetuação do poder, do capital, do neo-liberalismo. Porém, as corp@s que ousam romper as amarras das cordas normativas, ou que rompem essas amarras pelo simples fato de existirem enquanto raça, gênero, classe ou as tais ditas “deficiências” ou as tais ditas dissidências, esses corpos podem aproveitar das cordas como dispositivos de resignificação, de produção de outras sonoridades, que não sejam as amarras das negações que lhes foram impostas.

Esses novos sons são produzidos a todo instante, porém nem sempre são ouvidos. E quando ouvidos, nem sempre são considerados, num processo de reprodução do poder hegemônico que está impregnado em nosso DNA, mas que necessitamos romper a matriz deste DNA, por uma arte de instaurar novos modos de existência, como nos propõe Peter Pál Pelbart (2013).

Isso exige de nossas corp@s processos de rebeldias, resistências, insurgências, subversões, quebras de paradigmas, numa nova dança, cujo movimento não seja robotizado, não seja copiado, não seja aquele ensinado nas escolas, não seja copiado do que comumente é considerado belo, mas que seja movimento essencial de cada um, e que essa estranheza bela, rompa conceitos estéticos pré-estabelecidos.









Que essas corpas consonantes/diz-sonantes, sejam sonantes, a partir da composição necessária para novas estéticas dos porvires, a partir das sonâncias dos corpos que se produzem em ato pela vida, nas grafias do coração. A partir das potencializações das nossas precariedades, das nossas fragilidades: força motriz para produções de dobras, furos, linhas de fuga.

Quais são as bocas que consideram e classificam as corpas como diz-sonantes? Nunca pelas próprias bocas, mas pelas bocas da mídia hegemônica, da medicina, das leis, do sistema jurídico, dos europeus, dos norte-americanos, do norte do mundo, dos brancos, colonizadores, burgueses... Para os diz-sonantes, o que não soa bem, não são suas corpas, mas o que dizem sobre essas corpas. A diz-sonância está ligada à classificação do corpo que fala, da fala que vale, das corpas que valem. Quem pode trabalhar? Quem pode viver? Quem pode respirar? quem merece castigo? Quem merece morrer? Quem representa despesa pro Estado? Quem é a corpa pecadora?

As bocas das corpas decoloniais podem e devem falar por si mesmos, proclamarem os desenquadramentos necessários (Butler, 2020), nas políticas de aparição (Butler, 2018), por meios de disrupturas discursivas (Butler, 2020). Mas por quais meios, quais veículos, se os de massa estão na mão dos dominantes? Por isso a necessidade de tensionar o domínio nos mais diversos campos, com a produção de novas narrativas: nas mídias radicais (Downing, 2004), no midiativismo, no midialivrisimo, na comunicação popular, comunitária, colaborativa, participativa, democrática. Nas medicinas outras tantas. Nos humanos direitos. Nos direitos à uma saúde integral, à seguridade social, à participação política, na política dos acessos, em todos os campos dos direitos.

Qual o valor do valor da vida? Numa sociedade que normaliza que travestis e mulheres transexuais morram aos 35 anos. Que normaliza quem pode existir, comer, conviver, viver plenamente... Quem pode respirar nas abordagens policiais. Quem pode viver e quem deve morrer? Quais são as vidas consideradas choráveis em nosso mundo público?, como nos alerta Judith Butler (2020).

A naturalização diante das pessoas mortas pela Covid-19, corpes que não são dignas de luto, pois estavam mesmo condenadas à morte. Corpes de idosos, portadores de comorbidades, pobres, pretos, favelados, quilombolas, presidiários, indígenas, mulheres, trans, travestis... corpes que já não possuíam uma vida vivível pela



maquinaria do capital, que resiste, insurge pela própria sorte ou pelo poder dos movimentos sociais. Corpes negligenciadas pelo poder público hegemônico, higienista, fascista, destituído de direitos, massacrador de sonhos e novos possíveis.

O Brasil é o país que mais mata a população LGBTQIA+ no mundo! O país que mais mata a população de Transexuais e Travestis no mundo! O país que mais mata os ativistas de movimentos sociais no mundo! Um dos países que mais matam mulheres por feminicídio no mundo! Há uma naturalização das mortes destes corpes. Não há, via de regra, um luto, um espanto diante da violência praticada todos os dias. Envelhecer seria um sonho, de vidas que lutam para se manter vivas desde sempre, da hora que acordam até a hora que se deitam. A ameaça de morte é uma constante e a morte social vai implicando em destituições de inúmeros sonhos, inclusive o de envelhecer. E quando envelhecem, esses corpes são invisibilizados e jogados à própria sorte. Não é possível que as pessoas durmam em paz, sabendo que a expectativa de vida de uma mulher transexual ou travesti é de 35 anos!

Que corpes diz-sonantes possam viver plenamente, numa composição de arte, que instaure modos de existência diversos e plurais. Para além dos terrorismos sexistas, feminicistas, classistas, machistas, racistas, LGBTfóbicos, transfóbicos, coloniais.

Pra que mundo estamos voltando pós crise mais aguda da Covid-19? De qual novo normal estamos falando. Normalizamos a violência e o terror contra corpes dissonantes? É neste mundo de violência institucionalizada, que continuaremos a seguir?

As corpas diz-sonantes bailam e continuam a re-existir, com produções de vida múltiplas e diversas. Ali, onde as normalizações e normatizações só enxergam fragilidades, em seu sentido pejorativo, revelam que essas fragilidades são também potências. Viveremos corpos-música, pelas grafias do coração, diz-sonantes, num dançar de corpos-movimento, decoloniais, deslocadores e subversivos.

Referências:

BRAIGHI, Antônio Augusto; LESSA, Cláudio Humberto & CÂMARA, Marco Túlio (orgs). Interfaces do midiativismo : do conceito à prática. Belo Horizonte: CEFET-MG, 2018.

BUTLER, Judith. *Corpos em Aliança e a Política das Ruas: notas para uma teoria performativa de assembleia*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.

_____, Judith. *Corpos que importam. Os limites discursivos do "sexo"*. São Paulo: n-1 / Crocodilo Edições, 2019.

_____, Judith. *Quadros de Guerra: quando a vida é passível de luto?*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2020.

DOWNING, John D.H. *Mídia Radical: rebeldia nas comunicações e movimentos sociais*. São Paulo: Editora Senac, 2004.

PELBART, Peter Pál. *O Averso do Nihilismo: cartografias do esgotamento*. São Paulo: n-1 edições, 2016.



Reginaldo Moreira é docente da Universidade Estadual de Londrina (UEL). Pesquisador do Entretens, DECO e Observatório Nacional de Políticas Públicas e Educação em Saúde. Comunicólogo Social, popular e comunitário. Pós-doutor em sexualidade, gênero, teoria queer, pelo EICOS/UFRJ. Doutor em Comunicação pela ECA/USP. Mestre em Gerontologia, pela Unicamp. Docente da graduação e pós-graduação do Departamento de Comunicação, da Universidade Estadual de Londrina (UEL). Atua em projetos de pesquisa e extensão voltados a gênero, etarismo e decolonialidades na comunicação junto aos grupos Entretens, DECO e Observatório de Políticas Públicas e Educação em Saúde. Poeta. Virginiano, com ascendente em peixes. Filho de Xangô e Yemanjá.

regismoreira@uel.br

Fotos: Alex Amaral & Anderson Alves
[pós]Corpos: Chris, The Red
Brasília, DF, Brasil, 2017

Obrigado [thanks]

Alex Amaral

Anderson Alves

Bruno

Bruno Novadvorski

Gustavo Gustrava

Lucas

Rainner

Rainnery Queercore

Regis Moreira

S.

Saulo

